



## Gato Borges<sup>1</sup>

**Juliano Klevanskis Candido\*\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

literatices@yahoo.com.br

Gatos sempre foram a paixão de senhora Ême. Ela reside no Espírito Santo, próximo a uma praia deserta. E lamenta a solidão e a distância em relação aos grandes centros urbanos. Teatros, restaurantes, cinemas, shoppings, bibliotecas, livrarias estão a quilômetros de distância. E senhora Ême culpa senhor Pê por estar naquele fim de mundo.

Pê passa o dia cuidando da horta: colhe frutos e verduras, arranca plantas indesejadas e molha todas as plantas duas vezes ao dia, uma vez de manhã e outra de noite. Cuida da horta e do galinheiro, abre a porta do poleiro para galinhas e pintinhos se alimentarem, depois a fecha. Esse para ele é o ideal de vida. A casa é grande e nela há três gatas: Olenka, Mimi e Safira.

Em frente à casa surge um gato preto e diferente. Sua cabeça é desproporcionalmente grande em relação ao corpo, ao que parece depositada de outro corpo, enorme cabeça de outro felino, ou impossivelmente de outra criatura ainda maior. Pessoas que por ali passam, veranistas que encontram a praia por acidente de percurso, na busca cega por praias escondidas, ao verem o bichano no caminho, atiram-lhe pedras ou dele fogem. Assim Ême o recolhe, por dó da crueldade que sempre presencia. “Eu não quero esse gato”, reclama Pê, “já temos três, não acha muito? Não vou alimentar mais um”.

São seis horas. Ao redor, o verde das matas escurece paulatinamente. A luz do dia se apaga. Ême apenas olha para Pê, esperando uma resposta. Ela sabe que ele não quer, mas assim mesmo gosta de fazer valer sua opinião, mesmo que esteja assumidamente errada. Ela pensa mais com o coração. Pê defende deixar o gato na rua, pois para ele é suficiente que três já durmam na cama do casal, mas, ao perceber que ela começa a chorar, por fim se sensibiliza. “Quem sabe, a gente não põe ele ali na sala?”, ele diz, tentando apaziguar o choro. O céu queima seu último brilho amarelo, quase vermelho. Ouvem-se, acima e por todos os lados, o canto dos

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em: *Novos fármacos & outras histórias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2019. p. 233-237. Disponível em: <https://cutt.ly/VEkJmfR>. Acesso em: 30 abr. 2021.

\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Fale/UFMG, bolsista da CAPES e pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ) da UFMG.



pássaros se despedindo do dia. “Vamos deixar ele dormir na sala”, Pê grita, vencendo o barulho dos pássaros. “Tem um monte de cadeira e poltrona...”

Assim vem Borges.

Quando acolhem Borges, este já parece adulto, é incorrigível e não respeita regra alguma. No primeiro dia destrói o galinheiro, e Pê sofre muito com isso. Imediatamente, este tenta lhe dar uma surra, mesmo que de longe e com um pedaço de pau. Mas o gato descobre o esconderijo perfeito, o telhado da casa, local que, além de atrativo, possibilita-lhe abater quantos pássaros distraídos quiser. Ême o alimenta com a ração das gatas, nos momentos em que Pê não vê. A princípio, as gatas não se interessam muito por Borges. Sempre que este se aproxima, elas fogem desesperadamente, como se fugindo de algo muito assustador. No telhado, na segunda noite, ele faz muito barulho, e, por mais bizarro que possa parecer, emite estranhos gemidos.

Na manhã seguinte, o casal concorda em permitir ao bichano dormir dentro da casa. Assim, por pena, Borges é acolhido, e Pê diz, com esperança: “A gente vai se acostumar com ele”. O gato realmente se mantém calmo nos dias seguintes. Pê praticamente se esquece das galinhas que Borges matou, e, à medida que o tempo passa, há a impressão de que a família definitivamente ganha mais um membro. Agora o gato dorme na cama e sai esporadicamente para caçar presas; suas prediletas são passarinhos e lagartixas.

Um fato curioso chama a atenção do casal: o gato não gosta de luz e tenta de todo modo fechar as cortinas. Quando estão sentados no sofá, assistindo TV, Borges corre para fechar as cortinas; Pê e Ême acham engraçado e riem da ação do gato, este os encara, com o pior dos olhares, minutos a fio e aparentemente sem piscar.

“Acho melhor a gente dar veneno pra ele”, cochicha Pê. Mas Ême lhe responde, com medo: “talvez ele seja apenas um pobre gatinho, então é errado matar um bichinho, não faremos isso”.

Um dia eles tomam o café da tarde e Borges começa a miar loucamente, arranhando a porta da rua, como se querendo abri-la. É a primeira vez que isso acontece. Eles o deixam sair e logo, como se um fato estivesse conectado a outro, surge, na rua, um homem, de nome Allan, dizendo ser investigador e perguntando se teriam visto um foragido da polícia de nome Murilo Rubião. E ele lhes mostra uma foto.

Após dispensarem o investigador, o gato reaparece.

O casal espera que a relação entre os gatos melhore, mas Borges sempre encurrala as gatas no quarto. Aos poucos o mesmo sucede em outros cômodos. Pê e Ême esperam que ele pare de agir assim com as pobres gatinhas, mas ao mesmo tempo temem, e muito, sua reação. Então não o contrariam. Depois de algumas semanas, a casa está dominada por Borges. As tentativas, por parte do investigador, de entrar naquele



sítio, foram malogradas, sempre barradas por desculpas estranhas de Pê ou de Ême. Simplesmente não querem deixá-lo entrar. E isso lhe parece suspeito.

De qualquer maneira, o investigador volta mais uma vez antes de vir com força total. Ele trabalha, incessantemente, na busca por Murilo Rubião, então o maior foragido da região.

O felino até gosta do casal, mas, por algum motivo, odeia outras pessoas e animais, principalmente o investigador. Depois que este mais uma vez bate na porta, Pê a abre parcialmente, com Borges, escondido, como que dando-lhe instruções.

O investigador sai zangado e decide a voltar com força total. Borges sabe que é uma questão de tempo. Afugenta as gatas de vez! Controla o casal desde o quintal, de dentro da casa e de cima do telhado. Da cama do quarto, o gato controla mais comodamente as ações. E começa a permitir que saiam apenas para o quintal.

A eles não é permitido fazer barulho. Ême tenta escrever mensagens de ajuda pelo celular, mas Borges destrói os carregadores. Este se apossa também da cozinha, onde come livremente toda a comida da casa. Aos poucos poltronas são rasgadas, e Pê é obrigado a descartar móveis que o gato não aprecia. Depois são descartados também outros móveis. E o casal já nem se lembra das gatinhas.

Como Murilo Rubião é encontrado, o investigador não retorna. Na realidade são encontrados pertences do foragido junto a um corpo irreconhecível e carbonizado. Mas a polícia se dá por satisfeita, e é o desfecho imediato do caso mais famoso daquelas bandas. Será difícil solucionar um caso de tamanha proporção novamente. Agora, os investigadores se concentram em outros casos. Borges, então, domina todas as partes da casa, deixando o casal cada vez mais acuado.

Numa noite de chuva, enquanto o pequeno animal dorme profundamente, eles conseguem escapar. Alugam uma pequena casa, num sítio qualquer, mais longe da praia. O sítio é maior do que o que eles possuíam antes, a casa muito pequena e escura. Não realmente apreciam o novo lar, mas com o tempo se acostumam e o trauma diminui.

Até que um dia, os pássaros emitem sons diferentes. Senhor Pê olha pela janela, que fica sempre aberta, e vislumbra a imensa casa, vizinha. O relógio marca meia noite. Na casa grande, a dos proprietários do sítio, há sete cômodos. De lá, à luz da lua cheia, senhor Pê e senhora Ême veem surgir o gato preto que parece nervoso, muito nervoso. Senhor Pê abraça a esposa e tenta dizer que tudo ficará bem. Eles se abraçam como se fossem os últimos instantes na vida. De repente, o céu se torna muito nublado.

----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.